

O que ver durante a semana

## ípsilon

CRÍTICA

# Arte oculta, música viva: ouvir ajuda (da beleza, do tumulto, da vagina)

O espaço O'Culto da Ajuda continua a auscultar e a dar a ouvir a música deste tempo. Uma homenagem a Clotilde Rosa e mais uma edição do Festival Música Viva reiteraram essa missão.


Festival Música Viva 2019 ★ ★ ★ ★ ☆



Manuel Pedro Ferreira · 28 de Maio de 2019, 11:21

CONTEÚDO EXCLUSIVO





A actriz Catarina Wallenstein juntou-se ao Duo Tágide no espectáculo *O Corpo Brasonado*, baseado em poemas eróticos DR

O espaço O'culto da Ajuda é um refúgio, o da arte dos sons mais actual e o do melómano que não prescinde de auscultar o seu tempo. Longe dos holofotes mediáticos, o compositor arrisca o pensamento estruturado, os intérpretes ousam dar-lhe voz, os ouvintes trazem-lhes o calor das palmas. Parece um segredo bem guardado, mas a entrada é livre. Aceita-se que numa exposição de artes plásticas se vibre apenas com esta ou aquela obra, que fazem a deslocação valer a pena; por que não assumir que semelhante experiência, de valor potenciado pela alta fasquia artística dos participantes, se encontre num concerto? Decorre neste momento (até 1 de Junho) uma mostra que teimosamente insiste em dar oportunidades de encontro entre a criação musical e o público: o Festival Música Viva. Aqui se dará conta dos seus dois primeiros eventos.

Antes, porém, mencionarei um concerto monográfico recentemente realizado no mesmo espaço, inteiramente dedicado a peças a solo, maioritariamente recentes, da compositora Clotilde Rosa (1930-2017); foram tocadas por alunos da Escola Artística de Música do Conservatório Nacional, representando classes de oito professores da casa. Apetece ouvir uma e outra vez todas as

obras incluídas no programa (com excepção da curta *Bagatela*, de 1994), deliciosamente vitais, surpreendentes e cuidadosamente buriladas, como os *Estudos* III e IV para harpa, *Vitral*, para clarinete, ou o *Impromptu* para piano. Alguns títulos encerram uma enorme dificuldade técnica, como *A Lira de Orfeu*, para oboé, e *A memória é um espelho*, para viola d'arco. Embora a execução tenha sido, no mínimo, boa, destacaram-se pela maturidade interpretativa e pela plena comunhão com o espírito da obra a harpista Leonor Rodrigues, a flautista Mariana Preto (*Impromptu para a Marta*), o clarinetista Guilherme Alves e o pianista Rodrigo Nunes. O projecto que deu azo a este concerto, *Clotilde é uma rosa*, foi modelar na incorporação da música contemporânea no ensino regular dos instrumentos, e no espírito colaborativo inter pares: um exemplo a prosseguir e a imitar.



## **Escola de Música do Conservatório Nacional**

Obras de Clotilde Rosa

Já o concerto inaugural do Festival Música Viva contou com o agrupamento de câmara residente, o Sond'Ar-te Electric Ensemble, nesta ocasião dirigido com energia e clareza pelo maestro Pedro Neves, que tirou excelente partido da destreza técnica, da experiência e do empenho profissional dos músicos envolvidos. A peça inicial, defendida com brilhantismo, a solo, pela flautista Sílvia Cancela, foi assinada

por Miguel Azguime (n. 1960), incansável organizador e anfitrião do festival: *Et s'il à l'issue ou la flûte bien détempérée* (2019). Trata-se de uma longa digressão em ritmo irrequieto, quase jazzístico, com múltiplas ramificações sonoras obtidas através de matizes microtonais, técnicas exploratórias e da captação/transformação electrónica ao vivo. No seu carácter intenso, envolvente, reiterando cada ideia em declinações continuamente variadas (pretexto para o recurso à tecnologia mais actual), e no débito discursivo que privilegia o devir face à predeterminação formal e ao gesto conclusivo, pode reconhecer-se o *diseur*, o improvisador e o loquaz homem de acção que subjaz à faceta de compositor. Seguiu-se, em estreia absoluta, o quinteto *From Head to Toe* (2017) de Christopher Bochmann (n. 1950). A peça começa com gestos zangados e díspares, reconhecíveis no horizonte do atonalismo do pós-guerra, até que o piano se compraz, com calma, num feixe coerente de harpejos ascendentes; estes, concorrendo com a expressão de zanga, são depois declinados pelos outros instrumentos de maneira cada vez mais variada, desaguando finalmente num canteiro de harmonias delicadas, coloridas com mestria. A partitura conduz-nos através de emoções contraditórias, fazendo gala de raro à-vontade no desenvolvimento temático, no controlo da forma e no idiomatismo instrumental, o que não surpreende quem tenha ouvido outras obras do autor. A primeira parte do concerto

foi coroada pela sóbria e já clássica beleza do sexteto *The Viola in my life I* (1970), de Morton Feldman (1926-1987).

---



★★★★☆

## **Festival Música Viva 2019**

Depois do intervalo pôde escutar-se outro sexteto, *Ausgraben und Erinnern* (2006), de João Madureira (n. 1971). Trata-se de uma obra de execução muito difícil mas que, interpretada com precisão e garra, se revelou extraordinária na obsessiva impulsão rítmica e na inesgotável capacidade de transformação de um motivo, escavado e recordado a cada momento de maneira invejavelmente criativa, arrancando a adesão unânime do público. Muito aplaudida foi também a peça final,

realizada em primeira audição, *Ode ao Tejo* (2018-2019), de Cândido Lima (n. 1939). Escrita para oito instrumentistas com uma larga panóplia de percussão distribuída pela sala, e incluindo som pré-gravado e declamação colectiva de texto, aposta numa acumulação tumultuosa e ribombante de recursos sonoros que está nos antípodas da economia de escrita de Morton Feldman e que dificultou a apreensão das ideias musicais em que a obra é rica.

A presença de um compositor consagrado residente no Porto foi replicada na oferta artística do dia seguinte, desta vez através de Álvaro Salazar (n. 1938). Dele se ouviram três peças que exemplificam a sua escrita elegante, quase reticente em vencer o silêncio com gestos parcós, bem pensados, e timbricamente saboreados com vagar. *Drei Kurze Plagiaten* (1999) para pianista (mãos e voz), interpretado com justeza e convicção por Elsa Silva, é uma obra subtil, até no seu humor. O primeiro e o segundo *Ensaio para uma Cadenza* (2003, 2005) fazem jus ao legado pontilhista e tecnicamente exploratório de que o compositor foi, no século passado, um dos mais destacados adeptos nacionais.

O contraste não poderia ter sido maior com a música que se ouviu na segunda e na terceira partes do concerto, correspondente a uma atitude que, por vias diversas, celebra a continuidade musical entre o novo e o antigo.

O responsável foi o Duo Tágide (Inês Simões, soprano, e Daniel Godinho, piano) que com a cumplicidade da actriz Catarina Wallenstein na declamação (em português e francês), concebeu o espectáculo *O Corpo Brasonado*, baseado em poemas eróticos de Maria Teresa Horta e de vários autores franceses do Renascimento. Escutou-se em primeiro lugar o ciclo *Cicuta* (2005), de António Chagas Rosa (n. 1960), que deu a ouvir Maria Teresa Horta com as roupagens clássicas do *Lied*. Com recursos harmónicos muito alargados e uma densa e idiomática participação pianística, mas fiel ao ideal discursivo da canção, reforçado pela clareza prosódica, o compositor aposta aqui numa seriedade declamatória de grande contenção e elevação estética, com momentos contemplativos e até sombrios, em contraste com o ritmo ágil e o conteúdo fortemente erotizado dos textos; sublinha-se assim, à custa da vivacidade emotiva e descritiva, à vez a sua elegância literária e o artifício do formato de recital, criando no âmago da obra, onde se encontram beleza sonora e imaginação poética, uma tensão e um picante invulgares, um misto de atracção e distanciação que desafia o intérprete e delicia ou diverte o ouvinte: não consigo conceber o canto de “abre-me as pernas, põe-nas nos teus ombros” em mais digno traje de gala.

Seguiu-se, igualmente sobre textos eróticos, uma abordagem completamente diferente, do compositor bávaro Wilhelm Killmayer (1927-

2017), que, ao invés de engrandecer calculadamente os versos até ao limite do patético, os toma como pretexto de brincadeira. Falamos do original 2º ciclo de *Blasons anatomiques du corps féminin* (1991), baseado em poemas datados de 1535-1543 que cantam partes do corpo feminino, da boca aos pés, passando pela vagina (duas sílabas na designação original), com admirável arte e indisfarçada marotice. Tal como no ciclo anterior, o Duo Tágide demonstrou aqui a sua altíssima qualidade técnica e inteligência musical, apresentando interpretações absolutamente convincentes, pese o vibrato que desestabilizou algumas passagens; a declamação poética de Catarina Wallenstein, com impecável dicção e sóbria intencionalidade, foi um ingrediente precioso para pontuar e enriquecer este programa original e prazenteiro.

## TÓPICOS

MÚSICA | CULTURA-ÍPSILON | FESTIVAL |

MIGUEL AZGUIME | LISBOA | CRÍTICA DE CONCERTOS |

CRÍTICA DE MÚSICA

---



MUSEU  
DAS

# DES CO BER TAS

EXPOSIÇÃO

31 mai  
— 29 set  
2019

MUSEU NACIONAL  
DE ARTE ANTIGA

